



## Uma Experiência com Bagulho Energético

Flávia Guzzi\*

\* Professora e pesquisadora do IIPC.

flaviaguzzi@alternex.com.br

**Introdução.** Este artigo é a narrativa de um fato real, vivenciado por mim e meus familiares no ano de 1998. Seu objetivo é informar às consciências decididas a realizar a tenepes através do *rapport* multidimensional permanente, sobre o nível de responsabilidade e maturidade necessários na execução prática da assistencialidade através das verdades relativas de ponta da Conscienciologia e da Projeciologia.

**Decisão.** Em fevereiro de 1998, ao terminar de escrever um livro na área de Conscienciologia, decidi marcar para agosto do mesmo ano o início da prática da tenepes – tarefa energética pessoal.

**Curso.** Durante um curso do qual participei, em fevereiro deste ano, comentei sobre um pequeno incidente que ocorrera em minha casa, alguns dias antes do curso: a porta do armário do quarto de minha filha havia caído no chão sem uma causa aparente e quase causara um acidente. Foi-me sugerido para olhar com muito cuidado e atenção todo o quarto de minha filha, onde poderia haver alguma coisa, algum objeto negativo, funcionando como elemento de *rapport* com os assediadores. A idéia era fazer o rastreamento energético e tentar descobrir o que havia causado o pequeno acidente.

**Socialização.** De volta à minha casa, fiz o rastreamento e não percebi nada. Fiz a exteriorização de energias, tentei perceber o ambiente, mas eram muitos objetos e detalhes no quarto e nada descobri. A vida social me fez esquecer o assunto, voltei para o dia-a-dia e esqueci de continuar a busca do referido objetivo. Na época, estava preocupada com a faculdade, com o início das aulas de meus filhos e outras coisas mais e acabei me esquecendo do que me havia sido dito.

**Acidente de percurso.** Do mês de fevereiro

até maio, ocorreram mudanças significativas em minha vida, todas muito positivas e percebi que estava me preparando e sendo preparada, pelos amparadores, para começar a prática da tenepes. Todavia, no mês de maio, aconteceu algo que me fez parar para pensar mais profundamente sobre o compromisso a assumir com a multidimensionalidade: ao meu lado, minha filha, já com 2 anos, caiu no chão e quebrou o braço. Não caiu somente, voou no chão como se estivesse sendo empurrada por alguém. Instantaneamente, percebi que havia falhado em alguma coisa. Tentei não ficar nervosa, peguei-a no colo e entreguei-a ao pai.

**Aspesia do ambiente.** Quando eles saíram para o hospital, entrei imediatamente em seu quarto e iniciei exteriorizações de energias. Tentava ficar calma mas não conseguia parar de chorar. Precisei respirar fundo e fazer algumas mobilizações energéticas (MBEs). Após alguns minutos, me acalmei e, buscando me afinizar com os amparadores, procurei desvendar o que estava por detrás do referido acidente.

**Bagulho energético.** Meia hora após este incidente, minha irmã entra no quarto de minha filha e decide arrumá-lo, fazendo uma faxina geral. Ela também estava profundamente estressada e queria ajudar de alguma forma. Após alguns minutos, ela me entrega uma arma pequena, muito antiga, com cabo de madre-pérola, dizendo ter encontrado este “bagulho” junto à mala de minha filha, na parte de cima do armário. A arma era de uma parente já desmoldada e muito apegada às suas coisas.

**Determinação.** Apesar de estar emocionalmente abalada, peguei a arma, fui para uma ponte e joguei-a no mar. Em seguida, busquei a ajuda de um conhecido mais experiente em interações multidi-

mensionais. Estava preocupada com meus filhos, com minha falta de atenção e não sabia o que fazer naquele momento.

**Esclarecimento.** Quando contei o ocorrido, recebi uma repreensão mentalsomática, a qual me fez pensar, com mais maturidade, sobre o trinômio assistencialidade-organização-priorização. Fui, então, esclarecida sobre a necessidade de ter mais atenção e responsabilidade com a multidimensionalidade, principalmente pelo fato de já ter sido avisada sobre o referido *bagulho energético*.

**Responsabilidade.** Esta experiência não me fez desistir da tenepes. Pelo contrário, aumentou minha responsabilidade, minha organização e a qualidade da cosmoética perante o trabalho assistencial. Antes de iniciar a tarefa energética pessoal, retirei todos os objetos que considerava perigosos de minha residência: facas grandes e pontudas, espadas antigas que ganhara dos familiares, guardei tesouras e objetos em geral. De agulhas pequenas às portas de armários, tudo foi modificado.

**Conclusão.** Feliz ou infelizmente, minha filha precisou “pagar um pedágio”, quando decidi assumir minha responsabilidade com a programação existencial. É preciso que nós, conscins multidimensionais, dedicadas à tarefa do esclarecimento, tenhamos mais discernimento quanto às nossas ações perante as tarefas que desejamos realizar. Durante cursos dos quais participei, ficou reforçada a idéia da organização e da atenção como atributos fundamentais para a evolução consciencial.

**Reflexão.** Porque será que ouvimos tantas vezes estas orientações, e demoramos tanto a colocar em prática tais posturas, essenciais para uma vida cosmoética sadia? Porque, ainda nos permitimos tal nível de autocorrupção?

Vieira<sup>1</sup> considera que:

*“Quanto mais organização na vida, menos difícil será o convívio com os amparadores. Eis a ordem correta para acoplamento com o amparador: disciplina, organização e equilíbrio. Assediador está ligado a: anarquia, entropia e desordem”.*

Penso que a falta de priorização está diretamente ligada à este nível de autocorrupção que impede a consciência de caminhar lado-a-lado com os amparadores. Não adianta ter uma casa toda organizada e uma coleção de armas de fogo no armário. Também não adianta fazer tenepes e não ser uma consciência organizada. Organização sem priorização bloqueia

a assistencialidade de alto nível. Que tal refletir sobre isso? Tem lógica o que estou afirmando?

---

1. VIEIRA, W. *Curso amparador-amparando*. Notas de aula, Rio de Janeiro, 1999.